

CIReS

2.º CONGRESSO INTERNACIONAL DE REDES SOCIAIS



Redes Sociais: perspetivas e desafios emergentes
nas sociedades contemporâneas

7 | 8 junho 2018 Auditório do Colégio Espírito Santo da Universidade de Évora

LIVRO DE ATAS

Ficha Técnica

Título:

Livro de Atas do 2º Congresso Internacional de Redes Sociais | CIREs

Redes Sociais: perspetivas e desafios emergentes nas sociedades contemporâneas

Organização:

Joaquim Fialho

Maria da Saudade Baltazar

José Saragoça

Marcos Olímpio dos Santos

Edição:

CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais

Autor:

Vários

Design de capa: GabCom2018

Produção técnica:

CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais

Revisão – Célia Maria Lavradorinho Peralta Rodrigues

ISBN: 978-989-99782-7-0

dezembro 2018

Este livro teve apoio do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, no âmbito do projeto UID/SOC/04647/2013, apoiado pela FCT/MCTES através de Fundos Nacionais.

Nota de Abertura

As redes sociais ocupam hoje uma centralidade sem precedentes nas sociedades desenvolvidas. São uma das componentes mais importantes na estrutura das relações sociais entre pessoas e organizações, através das quais se partilham valores, expectativas, interesses e uma imensidão de fluxos que as colocam num nível de complexidade elevado.

Conhecer e compreender essa complexidade, as redes sociais e a multiplicidade de configurações que lhes estão inerentes é um dos maiores desafios dos nossos dias. Hoje, falar em redes sociais, coloca-nos sobre um novo paradigma nas ciências sociais. Na dinâmica das relações sociais os atores nela envolvidos desenvolvem as suas interações movidos por diversas lógicas e estratégias de ação colocando, aos interventores sociais e à comunidade académica, um conjunto de desafios na sua análise e compreensão. Foi neste contexto que surgiu a 2ª edição do CIREs, que decorreu na Universidade de Évora nos dias 7 e 8 de junho.

A 1 e 2 de junho de 2017, a primeira edição do CIREs, reuniu mais de trezentos técnicos, investigadores, estudantes e uma multiplicidade de especialistas nos domínios da análise de redes sociais e da intervenção social, promovendo um espaço de partilha formal e informal de trabalhos, metodologias e estratégias de ação. Face ao êxito do 1º CIREs a Comissão Organizadora decidiu, numa lógica de consolidação do evento, partir para o desenvolvimento da segunda edição.

Assim, com a realização do 2º CIREs procurámos dar continuidade ao debate entre investigadores, técnicos e especialistas que desenvolvem a sua atividade no quadro das redes sociais, seja no seu estudo, seja no desenho e concretização de projetos de intervenção social e organizacional.

Os textos que publicamos neste Livro de Atas são o resultado dos trabalhos apresentados no 2º CIREs e que refletem as “perspetivos e desafios emergentes nas sociedades contemporâneas”, tema escolhido para a edição de 2018.

A Comissão Organizadora

Comissão Organizadora

Joaquim Fialho (coordenador)

José Saragoça (coordenador-adjunto)

Maria da Saudade Baltazar (coordenadora-adjunta)

Carlos Alberto da Silva

Isabel Ramos

Marcos Olímpio dos Santos

Helena Arco

Ana Balão

Carla Chainho

Carla Santanita

Margarida Estevinho

Margarida Navalhinhas

Comissão Científica (Referees)

Ana Paula Cordeiro. Universidade Aberta, Portugal

António Abrantes. Universidade do Algarve, Portugal

António Moreira. Universidade Aberta, Portugal

António Pedro Marques. Universidade de Évora, Portugal

Breno Fontes. Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Cristiano Bodart. Universidade Federal de Alagoas, Brasil

Cristina Albuquerque. Universidade de Coimbra, Portugal

Cristina Pereira Vieira. Universidade Aberta, Portugal

Dália Costa. ISCSP, Universidade de Lisboa, Portugal

Daniel Holgado Ramos. Universidade de Sevilha, Espanha

Domingos Braga. Universidade de Évora, Portugal

Fátima Nunes. Universidade de Évora, Portugal

Félix Requena Santos. Universidade de Málaga, Espanha

Helia Bracons. Universidade Lusófona, Portugal

Isidro Maya Jariego. Universidade de Sevilha, Espanha

Jacqueline Siapno. California State University-Sacramento, EUA

Laurinda Abreu. Universidade de Évora, Portugal

Luciana Ferreira da Costa. Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Luis Ayuso Sanchez. Universidade de Málaga, Espanha

Maria José Aguilar Idañez. Universidade de Castilla la Mancha, Espanha

Marta Varanda. ISEG, Portugal

Pilar Marqués Sánchez. Universidade de Leon, Espanha

Raquel Recuero. Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil

Reyes Herrero. Universidade Complutense de Madrid, Espanha

Regina Marteleto. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Ronald Burt. University of Chicago, EUA

Silvana Greco. Universidade de Berlin, Alemanha

Apoios

ADBES - Associação para o Desenvolvimento e Bem Estar Social da Cruz da Picada

AlenStage Agency

APPACDM - Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Évora

Blog Café com Sociologia

Cachopas - Queijaria de Évora

Câmara Municipal de Évora

CARMIN - Vinhos e Azeites do Alentejo

Competir Formação e Serviços, S. A.

Diário do Sul

Evora Inn

FRA - Doces Regionais, Évora

Fundação Alentejo EPRAL - Escola Profissional da região Alentejo

Fundação Eugénio de Almeida

Instituto de Emprego e Formação Profissional, IP

New Spring Services

Parque dos Leitões

Publiplanície

RM Vinhos

Seguros Fidelidade

SEL, Salsicharia Estremocense, LDA

Turismo do Alentejo, ERT

UNITATE - Social Economy Network

Vitória Stone

FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia

Universidade de Évora

Índice

FICHA TÉCNICA	1
NOTA DE ABERTURA	2
COMISSÃO ORGANIZADORA	3
COMISSÃO CIENTÍFICA (REFEREES)	4
APOIOS	5
ÍNDICE	6
ÁREAS TEMÁTICAS	8
I. SAÚDE, BEM-ESTAR E ESTILOS DE VIDA	9
<i>SAÚDE, EDUCAÇÃO E REDES LOCAIS: O CASO DO PROJETO ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NAS ESCOLAS DO CONCELHO DE PORTALEGRE</i>	10
<i>BLOGUES EM CASO DE DOENÇA ONCOLÓGICA: EFEITOS DA REDE SOCIAL NA PESSOA E NA SOCIEDADE</i>	28
<i>AS ORGANIZAÇÕES EM REDE. UM OLHAR DA SOCIOLOGIA SOBRE A REDE NACIONAL DE CUIDADOS CONTINUADOS INTEGRADOS NO ALENTEJO.</i>	49
<i>COOPERAÇÃO INTERORGANIZACIONAL NA FORMAÇÃO INICIAL EM ENFERMAGEM: PROCESSO DE SUPERVISÃO NO ENSINO CLÍNICO DE FUNDAMENTOS DE ENFERMAGEM</i>	70
<i>DE QUE FORMA AS VULNERABILIDADES SOCIOECONÓMICAS DETERMINAM O ACESSO AO SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE?</i>	91
<i>DIFUSÃO DE INOVAÇÃO E ATORES-CHAVE NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA</i>	106
II. EDUCAÇÃO, TRABALHO E CIDADANIA	124
<i>IDENTIDADE, PERTENÇAS TRANSNACIONAIS, INTEGRAÇÃO E MEDIA DIGITAIS NA “SOCIEDADE EM REDE”</i>	125
<i>TECNOLOGIAS E INTERAÇÃO EM FAMÍLIAS COM CRIANÇAS: AS TECNOLOGIAS COMO BABYSITTER</i>	141
<i>REDES SOCIAIS E A INCUBAÇÃO DE UM EMPREENHIMENTO ECONÔMICO SOLIDÁRIO</i>	160
<i>LA INSERCIÓN SOCIO-LABORAL DE LAS PERSONAS EN RIESGO DE EXCLUSIÓN SOCIAL: ANÁLISIS DE LOS FACTORES DE ÉXITO E IMPORTANCIA DEL TRABAJO EN RED EN ESPAÑA Y PORTUGAL</i>	184
<i>INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA FORMAÇÃO ESCOLAR</i>	204
<i>O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA ORIENTAÇÃO CLÍNICA EM ESTUDANTES DE LICENCIATURA</i>	225
<i>PROJECTO CLICK: CONSTRUIR REDES PARA ALCANÇAR RESULTADOS</i>	242
<i>GARANTIA JOVEM: UMA RESPOSTA PARA OS JOVENS MAIS VULNERÁVEIS?</i>	258
III. REDES DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA	279
<i>REPENSAR O CAPITAL SOCIAL E AS DINÂMICAS DA PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NO SUCO BIQUELI, ATAÚRO, DILI, TIMOR-LESTE</i>	280
<i>A ESCOLA OFICIAL DE IDIOMAS – UM ATOR DA GOVERNAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL NO TERRITÓRIO DA EXTREMADURA?</i>	302
<i>REDES SOCIAIS DE APOIO AO IDOSO DIABÉTICO</i>	324
<i>THE CONTRIBUTION OF PARTNERSHIPS IN THE DESIGN AND IMPLEMENTATION OF COMMUNITY INTERVENTION PROJECTS IN THE FIELD OF INCLUSIVE EDUCATION. EXAMPLES WITHIN THE SCOPE OF THE CHOICES PROGRAM IN PORTUGAL</i>	343
<i>REDES DE ARTICULAÇÃO INSTITUCIONAL EM TORNO DO ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM VIÇOSA-MG, BRASIL</i>	364
<i>PSICOLOGIA SOCIAL EM PARCERIA COM O ATIVISMO DIGITAL NA LUTA POR IGUALDADE DE GÊNERO</i>	386

IV. REDES SOCIAIS LOCAIS/MUNICIPAIS	406
<i>AS DINÂMICAS DAS RELAÇÕES ENTRE OS DIFERENTES ATORES SOCIAIS LOCAIS NO PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS NO MUNICÍPIO DE MAFRA</i>	<i>407</i>
<i>VIRTUDES E DIFICULDADES DAS REDES DE COOPERAÇÃO REGIONAL PARA A MOBILIZAÇÃO DA AÇÃO COLETIVA: REFLEXÕES A PARTIR DE DUAS EXPERIÊNCIAS DE ÂMBITO SOCIOEDUCATIVO.....</i>	<i>442</i>
<i>O ATENDIMENTO DE PROXIMIDADE E INTEGRADO COMO ESTRATÉGIA NA INTERVENÇÃO SOCIAL</i>	<i>464</i>
<i>AS REDES SOCIAIS NAS AUTARQUIAS – O CASO DO ALENTEJO</i>	<i>483</i>
<i>OS NÓS DAS REDES SOCIAIS: DESAFIOS DA INCLUSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM MONTEMOR-O-NOVO.....</i>	<i>496</i>
V. REDES E DESTINOS TURÍSTICOS	512
<i>TURISMO E REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA COMUNICAÇÃO DAS DMO NO FACEBOOK.....</i>	<i>513</i>
VI. MEDIAS SOCIAIS.....	536
<i>A UTILIZAÇÃO DO TWITTER NA ESFERA PÚBLICA: UMA LEITURA A PARTIR DO CASO PORTUGUÊS.....</i>	<i>537</i>
<i>LAS REDES SOCIALES COMO INSTRUMENTO DE DIFUSIÓN EN ARCHIVOS.....</i>	<i>554</i>
<i>INDIRETAS NO FACEBOOK: RESPALDANDO A PERPETUAÇÃO DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E A MANUTENÇÃO DA REPRESENTAÇÃO ONLINE DO SELF.....</i>	<i>572</i>
<i>O IMPACTO PARA UMA EMPRESA DE UMA CAMPANHA NEGATIVA NAS REDES SOCIAIS</i>	<i>594</i>
<i>O USO ABUSIVO DAS TECNOLOGIAS: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA SOBRE AS PRÁTICAS DE UTILIZAÇÃO DOS SOCIAL MÍDIA.....</i>	<i>612</i>
<i>COMPARTILHAMENTO DA INFORMAÇÃO E PERSPECTIVA AMPLIADA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE DA MULHER: COLETIVO FEMINISTA SEXUALIDADE E SAÚDE</i>	<i>639</i>
<i>AS ONG PORTUGUESAS NAS REDES SOCIAIS – APONTAMENTOS SOBRE O USO DO FACEBOOK COMO MEIO ESTRATÉGICO DE COMUNICAÇÃO</i>	<i>652</i>
<i>O QUE ESTÁ ACONTECENDO? TWEETS SOBRE AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS</i>	<i>674</i>
<i>SHIFTER E RENASCENÇA: REDDIT COMO PLATAFORMA DE DIVULGAÇÃO E DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO. ...</i>	<i>697</i>
<i>A ESCRITA NO FEMININO: OS PERIÓDICOS COMO REDES SOCIAIS.....</i>	<i>715</i>
VII. TEORIAS, MÉTODOS E TÉCNICAS	729
<i>AS POTENCIALIDADES DA REDE SOCIAL NA ALAVANCAGEM DE EVENTOS ACADÊMICOS.</i>	<i>730</i>
<i>AS REDES SOCIAIS ONLINE E O AFFECTIVE TURN</i>	<i>749</i>
<i>REDES SOCIAIS E GESTÃO DO CONHECIMENTO: ESTUDO MÉTRICO EM PERIÓDICO CIENTÍFICO BRASILEIRO....</i>	<i>760</i>
<i>REDES SOCIAIS VIRTUAIS NO HORIZONTE 2025/2030 CONTRIBUTO PARA A REFLEXÃO SOBRE FUTUROS PROVÁVEIS</i>	<i>777</i>
VIII. MOVIMENTOS SOCIAIS E PRÁTICAS CULTURAIS	796
<i>AS PRÁTICAS DO DESIGN E OS DESAFIOS DE UMA PLATAFORMA DE COLABORAÇÃO ONLINE</i>	<i>797</i>
<i>A REDE SOCIAL ENQUANTO PROMOTORA DA NATUREZA EMOCIONAL DAS MARCA</i>	<i>814</i>
<i>NOVOS MEDIA E MOBILIZAÇÃO SOCIAL: ESTUDO DE CASO DO MOVIMENTO “QUE SE LIXE A TROIKA”</i>	<i>824</i>
<i>EMIGRAÇÃO, ESTRATÉGIAS DE AÇÃO E DINÂMICAS DE UTILIZAÇÃO DA REDE SOCIAL FACEBOOK.....</i>	<i>852</i>
POSTER	875
<i>AS REDES SOCIAIS E SUA RELEVANTE CONTRIBUIÇÃO PARA A GESTÃO DO CONHECIMENTO</i>	<i>876</i>

Áreas temáticas

I. Saúde, bem-estar e estilos de vida

II. Educação, trabalho e cidadania

III. Redes de intervenção comunitária

IV. Redes sociais locais/municipais

V. Redes e destinos turísticos

VI. Medias sociais

VII. Teorias, métodos e técnicas

VIII. Movimentos sociais e práticas culturais

Poster

EDUCAÇÃO, TRABALHO E CIDADANIA

INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA FORMAÇÃO ESCOLAR

António Fernando Caldeira Lagem Abrantes

Professor e Membro do Centro de Estudos em Saúde (CES) da Escola Superior de Saúde da Universidade do Algarve. Membro do CICS.NOVA.UÉvora
aabrantes@ualg.pt

Luís Pedro Vieira Ribeiro

Professor e Membro do Centro de Estudos em Saúde (CES) da Escola Superior de Saúde da Universidade do Algarve. Membro do CIDAF da Universidade de Coimbra
lpribeiro@ualg.pt

Carlos Alberto da Silva

Universidade de Évora. CICS.NOVA.UÉvora
casilva@uevora.pt

Sónia Isabel do Espírito Santo Rodrigues

Técnica Superior de Radiologia na Unidade de Faro do Centro Hospitalar Universitário do Algarve. Professora no Departamento de Radiologia da Escola Superior de Saúde da Universidade do Algarve
srodrigues@ualg.pt

Mónica Vanessa Canha Reis

Professora no Departamento de Radiologia da Escola Superior
de Saúde da Universidade do Algarve
mvreis@ualg.pt

Kevin Barros Azevedo

Professor e Membro do Centro de Estudos em Saúde (CES) da
Escola Superior de Saúde da Universidade do Algarve.
Técnico Superior de Radiologia na Unidade de Faro do Centro
Hospitalar Universitário do Algarve
kbazevedo@ualg.pt

Rui Pedro Pereira de Almeida

Professor e Membro do Centro de Estudos em Saúde (CES) da
Escola Superior de Saúde da Universidade do Algarve.
Técnico Superior de Radiologia na Unidade de Faro do Centro
Hospitalar Universitário do Algarve
rpalmeida@ualg.pt

Mélanie Madeira

Licenciada em Radiologia pela Escola Superior de Saúde da
Universidade do Algarve
a45137@ualg.pt

Resumo

A formação académica, enquanto processo histórico e social de formação humana, permite a aquisição dos conhecimentos essenciais para o desempenho profissional, assim como as ferramentas que permitem a construção da identidade profissional dos indivíduos.

No meio escolar a formação centra-se em referências teóricas/abstratas, pelo que o ingresso no meio laboral obriga muitas vezes a uma redefinição dos valores dos estudantes de modo a poder responder à necessidade de ações e práticas concretas. De acordo com Bourdieu, as instituições na sua tarefa de formar os sujeitos sociais, não é neutra, mas exerce um papel político nesta formação, no sentido de seu comprometimento – do ponto de vista da reprodução ideológica – na formação dos sujeitos.

O presente estudo pretendeu avaliar se as competências e características que os estudantes percecionam como adquiridas no final do curso superior vão ao encontro das exigências sociais e científicas ditadas pelos padrões da sua atividade profissional. A profissão estudada engloba dois momentos de formação, sendo um percurso escolar e um outro mais curto denominado de ensino clínico. É, portanto, neste último momento de tirocínio que se constrói uma “Rede de trabalho ou consulta”, que sendo uma rede informal é detentora de informações técnicas que facilitam o cumprimento dos objetivos organizacionais.

Com recurso a um inquérito por questionário, aplicamos o instrumento a profissionais atualmente em exercício, assim como aos alunos do 4º ano do Curso de Licenciatura em Estágio Clínico. A estes últimos, concomitantemente, foi ainda aplicado um instrumento psicométrico denominado “Escala de Perceção Pessoal de Competências Profissionais”.

No meio escolar a formação centra-se em referências teóricas/abstratas, pelo que, na perspetiva de Dubar, o ingresso no meio laboral obriga muitas vezes a uma redefinição dos valores dos estudantes de modo a poder responder à necessidade de ações e práticas concretas.

A imagem que o indivíduo detém de si mesmo e a forma como este se considera relativamente ao seu grupo de pertença, bem como o mesmo se define relativamente ao meio profissional circundante, demonstra a sua identidade profissional. Através da atividade exercida diariamente, do conjunto de interações profissionais em que a

competência, a formação e a validação dos conhecimentos é posta à prova, criando assim diferentes formas de atuar e estar.

Conclui-se que existe uma descontinuidade entre os processos de socialização escolar e os processos de socialização profissional, podendo-se considerar que o culminar de ruturas entre os pressupostos profissionais e as competências efetivas adquiridas pelos estudantes no final do Curso advém das poucas oportunidades de exercício prático oferecidas durante o processo de formação superior.

Palavras-chave: Identidade Profissional, Redes Sociais, Formação Académica.

Abstract

The academic qualification allows the acquisition of essential knowledge for professional performance, as well as the tools that enable the construction of professional identity of individuals.

In school, classes are focused on theoretical/abstract references, so when students face the professional world they are obliged to redefine their values in order to respond to the need for concrete actions and practices. According to Bourdieu, institutions in their task of forming social subjects, is not neutral, but exerts a political role in this formation, in the sense of its commitment - from the point of view of ideological reproduction - in the formation of subjects.

The present study aimed to evaluate if the skills and characteristics that the students perceive as acquired at the end of the higher course meet the social and scientific requirements dictated by the standards of their professional activity. The profession studied includes two training moments, being a school course and a shorter one called clinical teaching. It is, therefore, in this last moment of training that a "Network of work or consultation" is constructed, that being an informal network it holds technical information that facilitates the fulfillment of the organizational objectives.

With the help of a questionnaire survey, we apply the instrument to professionals currently in practice, as well as to the students of the 4th year of the Degree in Clinical Training. To the latter, a psychometric instrument called the "Escala de Percepção Pessoal de Competências Profissionais", elaborated and tested by Graveto (2005) was also applied.

The training focuses on theoretical / abstract references, so that, in Dubar's perspective, entering the work environment often requires a redefinition of student values in order to respond to the need for concrete actions and practices.

The individual is self-image and the way in which he considers himself or herself as belonging to his or her own group, as well as the self-definition of the work environment, demonstrates his / her professional identity. Through daily activity, the set of professional interactions in which competence, training and validation of knowledge is put to the test, thus creating different ways of acting and being.

It is concluded that there is a discontinuity between the processes of school socialization and the processes of professional socialization, and it can be considered that the culmination of breaks between the professional presuppositions and the effective competences acquired by the students at the end of the Course comes from the few opportunities for exercise offered during the process of higher education.

Key-words: Professional Identity, Learning Process, Academic Qualification.

Introdução

Ao longo da formação escolar, muitas são as dúvidas e incertezas que afligem os estudantes, nomeadamente no que se refere ao seu futuro profissional, às suas competências e aos requisitos e preceitos que a própria profissão exige. Estando restringidos ao meio escolar, centrado em referências teóricas/abstratas, muitas destas questões ficam sem resposta até ao momento da integração deste no meio trabalho, preconizado por ações e práticas concretas.

Enquadramento Teórico

Tendo em conta o referido na introdução, este estudo tem por base perceber a construção da identidade profissional dos indivíduos, iniciando-se pela aquisição de conhecimentos essenciais para o desempenho profissional em conjunto com a sua formação académica.

No meio escolar a formação centra-se em referências teóricas/abstratas, pelo que o ingresso no meio laboral obriga muitas vezes a uma redefinição dos valores dos estudantes de modo a poder responder à necessidade de ações e práticas concretas.

De acordo com Bourdieu, as instituições na sua tarefa de formar os sujeitos sociais, não é neutra, mas exerce um papel político nesta formação, no sentido de seu comprometimento – do ponto de vista da reprodução ideológica – na formação dos sujeitos.

Desta forma é importante ter em conta a definição de identidade, que exprime, irredutivelmente, uma complexidade e ambiguidade associada, desta forma pode-se agrupar as diversas abordagens do conceito em três grandes posições: a essencialista, a nominalista e a das formas identitárias (Dubar, 2001).

De acordo com a posição essencialista, o conceito de identidade relaciona-se à crença nas ‘essências’. Será através das essências que o ser é qualquer que seja o tempo em que vive, quaisquer que sejam as mudanças que ocorram. Os seres humanos possuem qualidades permanentes que constituem, portanto, a sua essência. A posição nominalista, considera que nada é eterno, tudo está sujeito a mudança, pelo que a própria identidade estará sujeita à mudança dos tempos, do vivido, do experimentado, da sociedade. A

identidade não se constrói, então, apenas porque existimos, mas sim porque existimos em interação com os outros (Dubar, 2001).

Segundo Dubar (1997), identidade será assim “não mais do que o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições”. A identidade traduz-se num processo evolutivo, que se forma progressivamente, reorganiza-se e modifica-se sem cessar ao longo de toda a vida, permitindo que cada um de nós reconheça-se e aperceba-se de si como a mesma pessoa ao longo do tempo apesar das evoluções e ou das mudanças que foram ocorrendo.

Contudo é importante diferenciar entre a identidade social e a profissional. A distinção entre ambas não aparece sempre de forma clara, constituindo a última uma forma específica da identidade social. Assim, as identidades profissionais diferenciam-se das identidades sociais pois constituem-se e evoluem no quadro de atividades particulares, as atividades profissionais (Cohen-Scali, 2000). A identidade profissional resulta de um duplo compromisso entre a identidade para o outro e a identidade para si, pois caracteriza-se pelo facto de ocorrer num universo de trocas, sendo considerado como um lugar de experimentação sobre si mesmo e sobre os outros (Gravé, 2003).

A identidade profissional simboliza, ainda, a projeção do indivíduo no futuro, a antecipação de um trajeto de emprego e o desencadear da aprendizagem, ou seja, da formação. A ideia de prospetiva, de futuro, intrínseca à noção de identidade profissional é bastante importante nos dias de hoje, pois em décadas o conceito que decorria era de que o trabalho era para vida e que dependia apenas da formação inicial de cada indivíduo, esta possibilitava-lhe encontrar um posto de trabalho no qual se manteria para o resto da sua vida ativa. Hoje, novas competências são valorizadas, assim como, a estabilidade do e no emprego e a imobilidade interna já não são entendidas da mesma forma.

Fatores que influenciam a aprendizagem.

A aprendizagem é caracterizada pelo dinamismo próprio de qualquer processo evolutivo, sofrendo as influências que cada um está capacitado para fornecer ou aceitar, ou seja, aprendemos de acordo com as nossas capacidades, quer as inatas, quer as que o nosso

meio envolvente nos imprime. Assim, a qualidade do ensino tem repercussões no mercado de trabalho, uma vez que as capacidades intelectuais, intuitivas e psicomotoras de cada um, e no fundo o suporte teórico e prático dos seus conhecimentos, têm como base os conhecimentos adquiridos durante a formação do estudante. Sendo assim torna-se importante conhecer fatores que interferem na formação do aluno, para assim conseguir intervir no seu desenvolvimento, e no fundo formar um futuro profissional competente (Simões, 2008).

Segundo Ferreira (s.d.), a estrutura cognitiva do aluno pode ser influenciada, quer pelos próprios conteúdos e conceitos integrados, assim como, pelo poder de exposição deste, quer pela utilização de métodos adequados de apresentação dos materiais. Assim, a escola e o professor devem ter tal facto em conta, utilizando estratégias que permitam ao aluno integrar conhecimentos novos através da utilização de métodos adequados, por forma a que os conteúdos tenham determinada sequência e racionalidade. A disponibilidade na estrutura cognitiva de conhecimentos de base, de um nível apropriado de abstração, generalidade e inclusividade é uma variável de grande importância, uma vez que disponibiliza os recursos para a aptidão. Ou seja, a capacidade de aprendizagem do aluno assume as características de uma bola de neve: a aquisição de conhecimentos novos, baseados na estrutura existente, vai tornar-se também a base do mecanismo de transferência desse conhecimento para a prática.

Como já citado anteriormente, a identidade é o resultado de uma relação contínua entre o indivíduo, o outro e o meio em que se insere, assim todo o conhecimento apreendido pelo indivíduo vai ter influência na sua personalidade, assim como esta, vai influenciar o processo de aprendizagem.

Deste modo, a personalidade está intimamente ligada à estrutura cognitiva, influenciando-se mutuamente, através de muitos mecanismos, como por exemplo o da aptidão. Esta, como geralmente é compreendida, implica que o nível evolutivo de funcionamento cognitivo seja tal que torna uma dada tarefa de aprendizagem possível com menos tempo e esforço (Ausubel, 1980).

Segundo Sprinthall & Collins (1994), “O desenvolvimento de um complexo funcionamento interpessoal surge como resultado de uma adequada interação com outras pessoas”, ou seja, as experiências de interação adequadas e uma reflexão sobre as mesmas leva ao aumento do nível de apreensão da perspectiva social.

Segundo Ribeiro (1990), toda a interação resultante das relações interpessoais provoca necessariamente alguma mudança nos indivíduos envolvidos, no domínio quer dos conhecimentos, quer dos sentimentos, quer até dos próprios comportamentos. Desta forma, a relação educativa, deve ser fundamentalmente humana, isto é, ensinar a viver em conjunto, e a fazer da sociedade escolar em geral uma comunidade de pessoas e não um agregado de indivíduos, respeitando sempre a intrinsidade e individualidade do aluno, o seu desenvolvimento contínuo e a sua formação integral.

O processo de formação, mais do que uma aquisição de conhecimentos teórico-práticos, é um projeto de socialização de mentalidades e de desenvolvimento da identidade de cada aluno, necessário à sociedade de hoje, indispensável ao equilíbrio de cada um. É o processo de retroação formativo e diagnóstico, pois dá forma a um contínuo processo de descoberta individual e de desenvolvimento pessoal, levando o aluno a assumir, gradualmente, maior responsabilidade e a consciencializar-se, progressivamente, das suas aptidões, apetências e valores (Fernandes, 1990).

Embora a capacidade intelectual seja, muitas vezes, apontada como um dos fatores que podem explicar as diferenças na aprendizagem, a verdade é que alunos inteligentes podem ter um fraco rendimento e outros menos dotados podem ter notas excelentes. Mais de 25% da variação dos resultados escolares, não derivam da capacidade intelectual (Simões, 2008).

Portanto, a motivação é um fator que se deve ter em conta neste contexto. Esta é compreendida como o aspeto dinâmico da ação, é o que leva o sujeito a agir, ou seja, o que leva a iniciar a ação, a orientá-la em função de certos objetivos, a decidir a sua continuação e o seu termo (Fontaine, 1990).

Segundo Dixe (1995), para ter bons resultados académicos, os alunos necessitam de colocar tanta voluntariedade como habilidade, o que conduz à necessidade de integrar tanto os aspetos cognitivos como os motivacionais. Assim, reporta-se ao facto de que a aprendizagem acontece por um processo cognitivo embutido na afetividade, relação e motivação. Desta forma, para aprender é indispensável “poder” fazê-lo, o que faz referência às capacidades, aos conhecimentos, às estratégias e às destrezas necessárias (componente cognitiva), para isso é imprescindível “querer” fazê-lo, ter a disposição, a intenção e a motivação suficiente (componente motivacional).

Maioritariamente, as competências profissionais adquiridas e desenvolvidas através da escola que tem como meio impulsionador para a construção da identidade profissional dos indivíduos, deve permitir a aquisição dos conhecimentos essenciais para a profissão, assim como, das formas de os transformar em desenvolvimento, possibilitando o desenvolvimento do estudante enquanto futuro profissional com as respectivas competências necessárias.

Segundo Boterf (1995), “A competência não é apenas um estado ou um conhecimento processual. Não se reduz nem a um saber ou a um saber fazer. Ela não é assimilável, como se de informação se tratasse. Possuir os conhecimentos ou as capacidades não significa ser competente. A competência não reside nos recursos (conhecimentos, capacidades...) a serem mobilizados, mas na própria mobilização desses recursos. A competência é o “saber mobilizar (...) não se refere apenas à simples aplicação, mas à construção”. Desta forma, os conhecimentos ou as capacidades em si mesmo não implicam a competência, esta constitui-se como uma disposição a agir de forma pertinente de forma a dar resposta a uma situação específica.

A competência é um processo dinâmico que surge da interação/conjugação de um sujeito, uma vez que a competência é uma construção pessoal, e do contexto onde se exerce essa competência. O facto, ainda, de não ser capaz de resolver determinada situação, não constitui em si mesmo um sinónimo de incompetência, “Há um julgamento da própria profissão, que reconhece a competência, apesar da incapacidade circunstancial de resolver algumas categorias do problema. A competência individual encontra os seus limites, mas não a sua negação, nos níveis dos saberes definidos pela sociedade ou pela profissão numa determinada época” (Boterf, 1995).

Por fim, a construção de competências profissionais é inseparável da construção de uma identidade profissional, não podendo esta última ser considerada como um efeito secundário da primeira. Segundo Barbeiro (2000), a formação deve favorecer a construção da identidade, com base em três tipos de experiência humana: atividades operativas, através das quais o aluno pode interagir com o ambiente profissional (os terrenos de estágio); atividades de pensamento ou de conceptualização que permitem ao estudante transformar as suas representações; atividades de comunicação através das quais o estudante mobiliza sinais (atos, objetos ou enunciados) para influenciar o outro. Segundo Jerome Bruner, “O objetivo da escola não é modelar o espírito dos alunos inculcando-lhes saberes especializados, cujo sentido e razão de ser lhes escapa. É preciso

que os alunos se apropriem de uma cultura, que eles integram conhecimentos a partir das questões que colocam. Para isso, é preciso contestar os programas impostos. Devemos duvidar, discutir, explorar o mundo. É assim que nos apropriamos da cultura, que nos tornamos membros ativos duma sociedade.”

Métodos e Materiais

O presente trabalho de investigação trata-se de um estudo de caso, um tipo de estudo descritivo onde é investigado um fenómeno da atualidade no seu contexto real, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores.

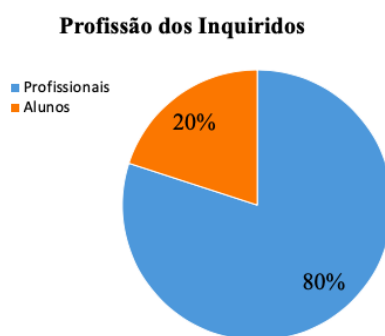
O método de amostragem é não probabilístico por conveniência. O tamanho da amostra constituído por 75 elementos, correspondendo 60 a orientadores/professores e 15 a alunos do 4º ano do curso de licenciatura em estágio clínico. A recolha de dados foi feita através de inquérito por questionário já validado num outro estudo de seu nome “Motivações e expectativas profissionais dos estudantes de enfermagem – Estudo numa escola da área de Lisboa”, de Simões (2008). Aos estudantes foi ainda aplicado um instrumento psicométrico denominado “Escala de Perceção Pessoal de Competências Profissionais no Pré-licenciado em Enfermagem”, elaborado e testado por Graveto (2005). Este instrumento permite avaliar a perceção dos inqueridos quanto às competências adquiridas durante o curso, permitindo analisar o processo de ensino quanto as competências transmitidas.

Resultados

Para caraterizar a população utilizou-se as variáveis independentes situação do inquirido (profissional ou estudante), género, idade e experiência profissional.

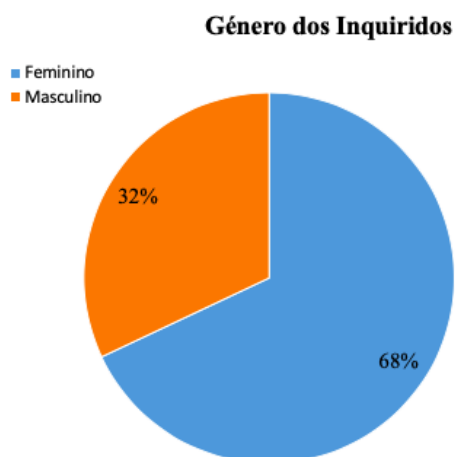
Dos 75 inquiridos, correspondendo a profissionais que atualmente exercem e a alunos do 4º do Curso de Licenciatura em estágio clínico. A amostra é constituída maioritariamente por profissionais (80,0%, N=60), como representado no gráfico 1.

Gráfico 1: Situação dos Inquiridos



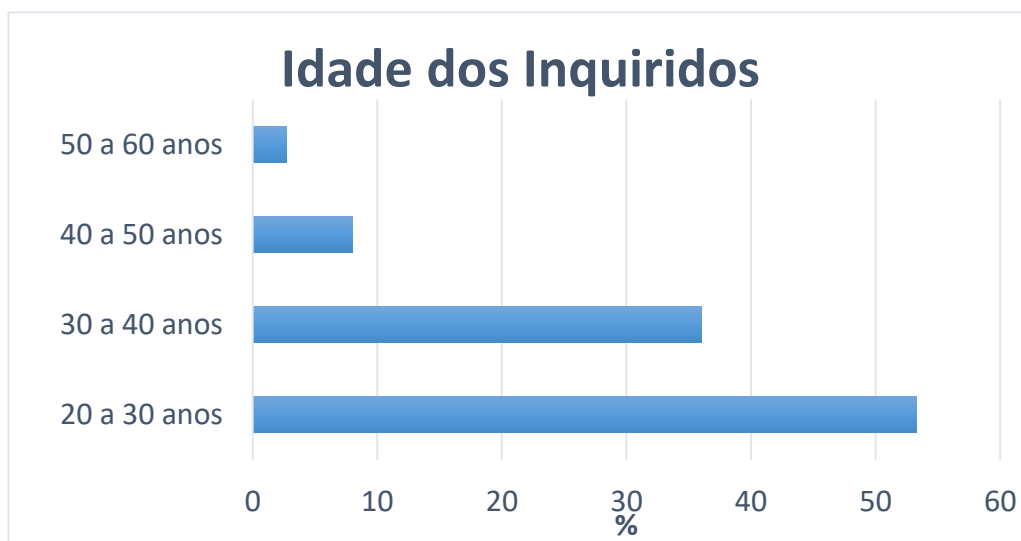
Os mesmos eram de ambos os géneros, sendo que maioritariamente eram femininos (68,0%, N=51), como representado no gráfico 2.

Gráfico 2: Género dos Inquiridos



No que concerne à idade (gráfico 3), esta variava entre 21 e 56 anos com um valor médio de 30,69 anos. Agrupando as idades em classes verificou-se que a maioria dos inquiridos tinha entre 20 e 30 anos (53,3%, N=40), seguido dos que tinham entre 30 e 40 anos (36,0%, N=27) e dos que tinham entre 40 e 50 anos (8,0%, N=6) e finalmente dos que tinham entre 50 e 60 anos (2,7%, N=2).

Gráfico 3: Idade dos Inquiridos



Relativamente à experiência profissional dos profissionais inquiridos (Gráfico 4), a maioria tinha até 10 anos de experiência (60,0%, N=36), seguido de quem tinha entre 10 e 20 anos (30,0%, N=18) e de quem tinha mais de 20 anos (10,0%, N=6).

Relativamente aos motivos da escolha do curso, os inquiridos tiveram a oportunidade de expor mais do que uma razão. Foram agrupados os motivos citados em duas categorias: fatores intrínsecos, inerentes ao próprio indivíduo e fatores extrínsecos, elementos que o indivíduo não consegue controlar, inerentes ao mundo que o rodeia. Os fatores intrínsecos tiveram maior relevância que os fatores extrínsecos para a escolha do curso (71,74%), dos primeiros destaca-se a relevância dada ao gosto pela área da saúde, com um maior número de respostas, tanto por parte dos profissionais como dos alunos (62,1%).

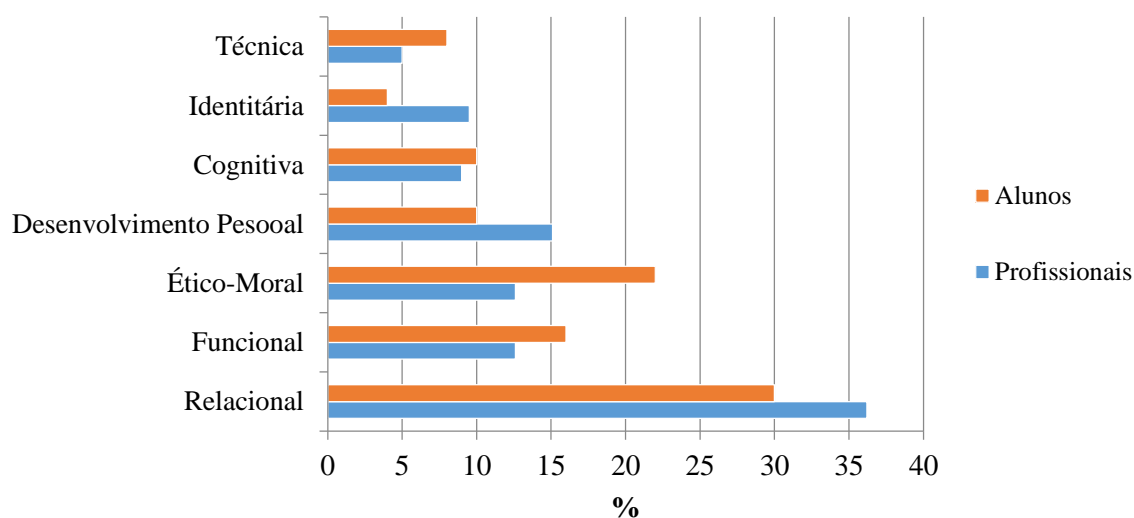
Seguidamente questionou-se os inquiridos sobre se fosse agora a decisão, se manteriam os mesmos motivos da escolha do curso, ao qual 61,3% dos inquiridos indicou que sim, destacando-se maioritariamente o fato de ser uma atividade que gostam de fazer. Enquanto que a baixa empregabilidade (30,6%) foi a justificação mais enunciada dos inquiridos que não manteriam os motivos da escolha do mesmo.

Relativamente ao grau de satisfação que sentem por ser orientador, contata-se que a maioria se encontra Satisfeito (66,7%). É evidente ainda que 26,7% dos inquiridos se sente Insatisfeito e 6,7% se sente Totalmente Satisfeito. É de constatar as diferentes razões pelas quais os profissionais e os alunos justificam o seu grau de satisfação. Para quem se

encontrava insatisfeito as justificações mais atribuídas pelos profissionais prendem-se ao fato da baixa remuneração destes, enquanto que os alunos citam a baixa empregabilidade. Para quem se encontrava satisfeito, a justificação mais atribuída foi gostar do trabalho que faz (21,7%). Verificou-se ainda que alguns dos inquiridos que se encontravam satisfeitos, só não estariam mais devido ao fato da profissão não ser reconhecida pela restante população e devido à baixa empregabilidade. Relativamente aos inquiridos que se encontravam totalmente satisfeitos, a justificação mais atribuída foi o fato de gostarem do que fazem, ressaltando-se ainda o grado por trabalhar/ interagir com pessoas.

Quanto às competências ou características pessoais essenciais para ser profissional e orientador, agrupou-se as respostas citadas em seis categorias: Dimensão Relacional, Dimensão Funcional, Dimensão de Desenvolvimento Pessoal, Dimensão Identitária, Dimensão Cognitiva, Dimensão Ético-Moral e Dimensão Técnica. Verificou-se uma ligeira divergência entre as opiniões dos profissionais e dos alunos, contudo de uma forma geral pode-se considerar que estas opiniões são unânimes, como se pode observar no gráfico que se segue (Gráfico 4).

Gráfico 4: Competências Essenciais para o Desenvolvimento da Profissão



Discussão

Relativamente aos motivos pelas quais os inquiridos escolheram o Curso é de salientar o peso que os Fatores Intrínsecos tiveram neste estudo, correspondendo a 71,74% de todos os motivos citados, destacando-se a relevância dada ao gosto pela área da saúde. O que nos reporta ao fato que os inquiridos optaram por uma área ligada à saúde, independentemente da profissão que escolheram, evidenciando uma opção subjacente ao conhecimento da profissão.

Contudo, o gosto pela profissão/tecnologias da saúde, é a segunda justificação mais observada, demonstrando já um conhecimento prévio da profissão e dos seus pretensos. Destacando-se em seguida, o gosto pelo contato com os pacientes/ Gosto pelas relações interpessoais/ Pelo privilégio de poder contribuir nos cuidados de saúde de pacientes, onde a componente relacional é mais notória comparativamente aos aspetos técnicos. Porém dando importância à componente relacional mas sem redundância, um dos inquiridos, nomeadamente um profissional, refere a relação/distância ideal entre o Técnico de Radiologia e o paciente, visto o contato entre estes ser temporário, limitando o convívio contínuo com a dor, o sofrimento e, por vezes, a morte de determinado paciente.

Segundo Mestrinho (2000), os interesses, as aptidões, os valores e as necessidades, são determinantes na escolha da carreira. Os interesses espelham o que a pessoa escolherá para fazer e o que se manterá a fazer, podendo-se definir como a tendência para gostar, procurar e esforçar-se em certas atividades. Os interesses desenvolvem-se com a experiência, com a exposição a atividades que os reproduzem, e as aptidões com a utilização. O que vai ao encontro dos resultados do presente estudo uma vez que os interesses dos inquiridos pela área da Radiologia desenvolveram-se com a experiência.

Nos últimos anos, tem-se vindo a verificar uma racionalização e uma contenção da despesa no setor da saúde, o qual relaciona-se diretamente com a empregabilidade nesta área e a falta de oportunidades de progressão na carreira. Para além deste fator a formação profissional pós-graduada é atualmente uma realidade, mas no quadro acima citado do vazio de uma definição concreta de competências, não é aproveitada adequadamente no sentido de orientar determinado profissional para o desenvolvimento da sua carreira (Jacinto, 2008).

Verificou-se ainda que alguns dos profissionais que se encontravam Satisfeitos, só não estariam mais devido ao fato da profissão não ser reconhecida pelo restante população. Segundo Jacinto (1008), a História apresenta um papel determinante para as condições e a forma como é estruturado o processo de profissionalização de determinado grupo com a mesma ocupação em distintos locais geográficos. Algumas profissões nascem de uma elite reconhecida pela sociedade e outras do empenho de um grupo de praticantes que se organizam em associação e que avançam passo a passo no sentido de verem o seu exercício reconhecido pelo Estado, sendo estes percursos determinados pelo contexto social em que se encontram.

Face à elevação do seu nível de formação, os profissionais de saúde oriundos das profissões das Tecnologias da saúde, estão num acentuado processo de crescimento científico e de autonomia, redefinindo o seu corpo de saberes e o seu posicionamento no contexto da prestação de cuidados de saúde (Abrantes et al., 2014).

Na opinião dos inquiridos acerca dos contributos da escola no seu processo formativo, estes deram maior ênfase aos conteúdos transmitidos. Se o conteúdo das matérias se incorpora de importância, a forma como este chega aos alunos não pode ser descorado, sendo a metodologia de ensino a segunda vertente considerada pelos inquiridos para a aquisição de competências, desta depende a apreensão e a contextualização dos conteúdos. A relação pedagógica e a avaliação foram as vertentes do processo de ensino consideradas as que menos contribuem para a aquisição de competências. Relativamente aos aspetos qualificantes da formação escolar, destaca-se o ambiente facilitador da participação pessoal como o que se verificou mais no processo de ensino dos inquiridos, seguido do incentivo da iniciativa e criatividade individual, autonomia e responsabilização dos alunos e interação entre a teoria e prática. Os aspetos que frequentemente não se verificaram no processo de ensino, dizem respeito ao acompanhamento da aprendizagem, à coordenação entre professores e alunos, à participação dos alunos na avaliação, à proximidade entre professor e aluno, à definição de objetivos com os alunos, assim como, o incentivo destes a elaborar planos e a rever processos.

É de considerar, no entanto, a conclusão de um estudo efetuado por Tavares (2008), em que se constata uma incoerência entre as atuais exigências de qualificação académica e as tarefas efetivamente desempenhadas, em contexto profissional. Observando-se uma contradição entre os requisitos da formação escolar e das competências que esta visa

desenvolver, e as tarefas que são realizadas na realidade. A instituição escolar “treina” os futuros profissionais em fase de formação para o desempenho de tarefas de conceção enquanto as tarefas que os profissionais desempenham em contexto de trabalho situam-se mais próximas da execução.

Segundo Jacinto (2008), a abordagem e avaliação inicial de um paciente têm como base a comunicação, processo complexo de transferência de informação, ideias e sensações, algo inato à vida, partilha de ideias e sentimentos num determinado período de tempo. Este processo é bilateral, e exige que se perceba o outro e se compreenda a situação vivenciada. Podendo-se revestir de uma forma verbal ou não verbal, sendo o olhar e o escutar os principais sentidos da comunicação e das relações interpessoais, constituindo o gesto e a palavra os seus principais modos.

A Dimensão de Desenvolvimento Pessoal surge como a segunda mais enumerada pelos profissionais (15,1%), e a quarta mais enumerada pelos alunos (10,0%). Considerando-se esta como uma componente pessoal, onde se deve englobar o auto-conceito e a auto-consciência, esta dimensão caracteriza-se por aspetos relacionados a atitudes e comportamentos, realçando-se neste estudo aquelas atitudes que podem interferir, ou ser fundamentais, no e para o bom e normal desempenho da profissão de Técnico de Radiologia. Sendo as principais citadas, o espírito de sacrifício e o empenho/ dedicação. Para que se proceda a um desenvolvimento pessoal é necessário que o indivíduo estruture ao longo dos anos uma personalidade, que lhe permita a constante reflexão acerca de si, devido à sua pouca experiência, os estudantes acabam por descorar mais desta dimensão relativamente aos profissionais.

A Dimensão Funcional surge como a terceira mais enumerada pelos alunos (16%). Esta dirige-se às capacidades/habilidades para com aspetos institucionais e organizacionais, sendo de realçar os métodos e estratégias de atuação utilizados. Desta forma, no presente estudo o dinamismo, a autonomia e a eficiência foram os aspetos mais citados.

Relativamente à Dimensão Funcional ter sido as que os alunos percecionaram como uma das menos adquiridas, constata-se que durante o estágio clínico não é possível interiorizar os pressupostos funcionais e as filosofias das várias instituições por onde se desenrolaram os ensinamentos clínicos, verificando-se que esta é uma competência que requer, além da envolvência do indivíduo com a instituição, uma maior interiorização profissional, que só o tempo lhe poderá conferir (Simões, 2008).

A Dimensão Técnica e a Dimensão de Desenvolvimento Pessoal foram as menos percebidas como adquiridas por parte dos alunos. O que pode-se considerar normal devido é elevada complexidade técnica que a profissão exige, com a agravante da existência de inúmeras valências que compõem esta. Deste modo, constata-se um ano de estágio clínico é insuficiente para consolidar as competências nestas dimensões, sobretudo em certas valências que acabam por ser descoradas.

Relativamente à Dimensão de Desenvolvimento Pessoal, como já foi citado, é necessário que o indivíduo estruture ao longo dos anos uma personalidade, devido à pouca experiência e maturidade dos alunos, estes acabam por descorar mais desta dimensão. O que vai ao encontro de um estudo de Gondim (2002), que conclui que as poucas oportunidades de exercício prático oferecidas durante o processo de formação superior, contribuem para um sentimento de insegurança experimentado pelo estudante, para o delineamento de um perfil fragmentado e para a fragilização na construção de uma identidade profissional que prejudicam a visualização de perspectivas concretas de inserção no mercado de trabalho.

Conclusão

O ensino da profissão deve basear-se na aquisição de conhecimentos teóricos e a interiorização das competências advindas da esfera prática. A integração destas duas dimensões deve sedimentar uma sólida formação que permita aos profissionais no seu exercício construir o leque de competências que caracteriza este grupo profissional.

Conclui-se que o conteúdo das matérias e a forma como esta chega aos alunos, são as vertentes do processo de aprendizagem que mais contribuem para o desenvolvimento de competências essenciais. Contudo, verifica-se uma necessidade de mudança na metodologia de ensino, para uma melhor apreensão e contextualização do conhecimento essenciais à profissão.

A imagem que o indivíduo detém de si mesmo e a forma como este se considera relativamente ao seu grupo de pertença, a forma como o mesmo se define relativamente ao meio profissional circundante, define a sua identidade profissional. É na atividade exercida diariamente, conjunto de interações profissionais em que a competência, a

formação e a validação dos conhecimentos é posta à prova, criando diferentes formas de atuar e estar. O que reporta às poucas oportunidades de exercício prático oferecidas durante o processo de formação superior, podendo-se constatar que daí advém o culminar de ruturas entre os pressupostos profissionais e efetivamente as competências adquiridas pelos alunos no final do Curso.

Referências bibliográficas

Abrantes, A.; Silva, C.; Kevin, A. & Ribeiro, L. (2014). Nas Malhas dos Poderes e Contrapoderes dos Técnicos de Radiologia nos Hospitais Públicos Portugueses. VIII Congresso Português de Sociologia.

Areosa, J., e Carapineiro, G. (2008). Quando a Imagem é Profissão: Profissões da imagiologia em contexto hospitalar. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (57), 83-108.

Bloom, B. S. (1979). *Taxonomia de Objectivos Educacionais*. Porto Alegre: Editora Globo.

Borges, M. (s.d.). Identidade pessoal, social e profissional. Obtido em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1700/7/5599_Cap%2520II%2520-%2520Identidade%2520final.pdf.

Dubar, C. (1997). *A socialização, Construção de Identidades Sociais e Profissionais*. Porto: Porto Editora.

Dixe, M. (1995). *As atitudes dos Enfermeiros Perante Doentes em Situação Problemática*. (Tese de Doutoramento). Universidade da Extremadura: Badajoz.

Fontaine, A. M. (1988). *Motivação e realização escolar em função do contexto social*. Braga: Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho.

Fortes, M. (2013). *A Identidade Profissional do Técnico de Radiologia na Opinião do Paciente*. (Dissertação de Licenciatura). Escola Superior de Saúde da Universidade Atlântica.

Graveto, J. (2008). *Construção e Validação de uma Escala de Percepção Pessoal de Competências Profissionais do Pré-Licenciado em Enfermagem*. (Tese de Doutoramento). Universidade da Extremadura: Badajoz.

Gondim, S. (2002). *Perfil Profissional e Mercado de Trabalho: Relação com a Formação Acadêmica pela Perspetiva de Estudantes Universitários*. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 299-309.

Jacinto, P. (2008). *Um contributo para a definição de competências dos Técnicos de Radiologia*. (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Tecnologias da Saúde de Lisboa: Lisboa.

Le Boterf, Guy de (1994). *Modelos de aprendizagem em alternância na comunidade: cinco desafios a enfrentar*. Formar. Lisboa. Nº 10.

Ribeiro, L. C. (1990). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.

Simões, A. (2008). *Motivações e expectativas profissionais dos estudantes de enfermagem – estudo numa escola da área de Lisboa*. (Dissertação Mestrado). Universidade Aberta: Lisboa.

Sprinthall, N. & Collins W. A. (1994). *Psicologia do adolescente*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.